

HEIDEGGER: METAFÍSICA E LIBERDADE

HEIDEGGER: METAPHYSICS AND FREEDOM

Marcelo Vieira Lopes, E-mail: nerofil@live.com
Róbson Ramos dos Reis (Orientador)
 UFSM, Santa Maria, Rio Grande do Sul

Submetido em 10/05/2016
 Revisado em 20/07/2016
 Aprovado em 10/08/2016

Resumo: Este trabalho gira em torno da noção de liberdade na obra de Martin Heidegger. Ao abordar as implicações desse conceito no pensamento do autor, visamos elucidar em que medida o mesmo pode mostrar-se como traço característico da normatividade intrínseca ao domínio da intencionalidade do existir humano. O objetivo deste artigo é a caracterização da Metafísica do *Dasein* como uma filosofia da liberdade em sentido amplo, tomando por base o desenvolvimento da noção de possibilidade existencial apresentada em *Ser e Tempo* (1927).

Palavras chave: Fenomenologia; Metafísica; Liberdade; Normatividade.

Abstract: This paper deals with the concept of freedom in Martin Heidegger's work. By approaching the implications of this concept in Heidegger's thought, we aim to clarify to what extent this concept can be shown as a characteristic feature of normativity intrinsic to the field of human existence. The aim of this paper is the characterization of the Metaphysics of *Dasein* as a philosophy of freedom in a broad sense, based on the development of the concept of existential possibility presented in *Being and Time* (1927).

Keywords: Phenomenology; Metaphysics; Freedom; Normativity.

Introdução: possibilidade e liberdade

Nos anos que seguem de 1927 até 1930 acontece uma transformação do projeto da ontologia fundamental de *Ser e Tempo*, resultando num conjunto de problemas que ficou conhecido como metafísica do *Dasein*. A metafísica do *Dasein* consiste, basicamente, naquele que seria o novo empreendimento filosófico de Heidegger após *Ser e Tempo*. Nos textos deste período, Heidegger buscou uma resposta metafísica à questão do ser, tentando reelaborar uma significação positiva de metafísica, nos termos de uma “metafísica científica” ou de uma “metafísica autêntica”. O desenvolvimento de tais temas durante esse período do pensamento de Heidegger é o tema do presente trabalho, culminando na caracterização da metafísica do *Dasein* como um aprofundamento da analítica existencial a partir do desenvolvimento do tema da liberdade.

Para a introdução do tema da liberdade, faz-se necessário uma breve exposição sobre a noção de possibilidade em *Ser e Tempo*. O desenvolvimento da noção possibilidade pode ser visto como uma superação da concepção metafísica do ente humano, o que admite ser caracterizado em termos modais como uma inversão da prioridade da atualidade sobre a possibilidade. Já foi evidenciado na literatura secundária que o termo liberdade é usado ao longo de *Ser e Tempo* em três acepções básicas: São elas: 1) possibilidade (*Möglichkeit*); 2) poder-ser (*Seinkönnen*) e 3) possibilitar (*ermöglichen*).¹

Em razão dos limites do presente trabalho, analisaremos apenas os dois primeiros usos da noção. No tocante ao primeiro uso - possibilidade (*Möglichkeit*) – é adequado entendê-lo como integrante da caracterização do ente humano *qua* ser-no-mundo. Em outras palavras, a fenomenologia de Heidegger considera que possibilidade é o modo primário de determinação do ente humano, antes da mera efetividade de propriedades, que seria característica de outro modo de ser, a saber, o da subsistência (*Vorhandenheit*). O ente humano como tal descobre a si mesmo como um ente movendo-se em horizontes temporais, para além dos dados atuais do presente, tanto para o futuro como para o passado. Estas dimensões temporais nos são próprias na forma de ausências, isto é, não como atualidades, mas sim possibilidades. É nesse sentido que

¹ Cf.: Kearney, 1992.

Heidegger opera uma superação da compreensão usual dos entes humanos como efetividade e presença. Também através dessa acepção estrita do termo possibilidade (*Möglichkeit*), é caracterizada a abertura como horizonte transcendental do ente humano. Em outras palavras, o possível aparece aqui como horizonte de transcendência, fundado na abertura para o tempo. Definido o modo da existência como possibilidade, superam-se as noções metafísicas tradicionais do ente humano em termos de presença. É com relação a essa acepção de possibilidade que surge a primeira ligação com o conceito de liberdade: O Ser humano é livre na medida em que experimenta sua existência como possibilidade. Possibilidade apresenta-se, portanto, como o horizonte no qual o ente humano transcende toda a presença atual, projetando-se temporalmente.

Já a segunda acepção do conceito de possibilidade, o poder-ser (*Seinkönnen*), refere-se à habilidade do ente humano para o projeto em possibilidades existenciais. O poder-ser é a condição de toda a projeção em possibilidades, na medida em que toda projeção é uma projeção do possível. Assim, *Seinkönnen* refere-se única e exclusivamente às possibilidades da existência humana. Em um nível mais abstrato, poder-se-ia dizer que, enquanto as possibilidades (*Möglichkeiten*) são os projetos mesmos do ser humano, o poder-ser (*Seinkönnen*) é o poder de projeção que está à base de toda a projeção em possibilidades. Assim, as possibilidades do ente humano são variáveis, enquanto seu poder-ser é constante.

Característica de uma interpretação pós-metafísica do ente humano, a noção de possibilidade na obra de Heidegger visa o reconhecimento da característica essencial do modo de ser deste ente com uma dimensão transcendente, o que leva imediatamente ao tema da liberdade nos textos posteriores a *Ser e Tempo*. Curiosamente, é através desse afastamento da noção tradicional metafísica do ser como ser-presente que Heidegger voltar-se-á para o interior da própria metafísica entre 1927 e 1930. Já na explicitação do poder-ser (*Seinkönnen*) em *Ser e Tempo*, pode ser encontrado um primeiro traço de vinculação com aquilo que posteriormente viria a ser conhecido como o problema da liberdade na metafísica do *Dasein*. Poder-ser refere-se unicamente aos entes humanos - *Dasein*, na terminologia de Heidegger - como uma condição

para que haja determinação e individuação, a saber, a determinação por modos ou maneiras de ser. Assim considerado, o poder-ser relaciona-se diretamente com a temática da liberdade do período posterior a *Ser e Tempo*, poder-ser compreendido como a raiz do significado de transcendência, também concebida em termos de liberdade.² É possível encontrar, em um determinado período da obra de Heidegger, de 1927 até 1930, a tentativa de fundar seu esforço filosófico sobre uma compreensão da liberdade em um sentido qualificado, rejeitada no começo dos anos 1930, compreendida pelo próprio autor como um remanescente metafísico a ser abandonado.³

Como foi dito, o tema da liberdade na obra de Heidegger ganha gradativamente mais ênfase após 1927. No curso do semestre de inverno de 1928/29, *Introdução à Filosofia*, Heidegger fala da liberdade como a “essência mais íntima” da existência humana. Contudo, já em *Ser e Tempo* esse tema se apresenta constantemente referido, por um lado, com a capacidade de “liberar” os entes, característica do modo de ser da existência, e, por outro, vinculado a temas como a escolha e decisão. Assim, o ente humano existe com um modo distinto de ser, cuja particularidade consiste em sua livre projeção em possibilidades, isto é:

“[...] a possibilidade como um existencial não significa o poder-ser flutuante no sentido da “indiferença do arbitrio” (*libertas indifferentiae*) [...] Mas isso significa: o Ser-aí é um ser-possível entregue à responsabilidade de si mesmo; é, de ponta a ponta, possibilidade lançada (*geworfene Möglichkeit*). O Ser-aí é a possibilidade do ser-livre para o poder-ser mais próprio” (Heidegger, 2012, p.409).

Nesse sentido, já em *Ser e Tempo* a noção de possibilidade aparece como intrinsecamente ligada às noções de liberdade e de projeção. Essa noção de liberdade também denota o traço ontológico característico do ente humano, a saber, a capacidade de “liberar” os entes que vêm de encontro no interior do

² Cf.: Crowell 2007, p. 316.

³ Cf.: Ruin, 2008.

mundo. Um sentido não trivial da elaboração do conceito de liberdade nessa fase do pensamento do autor é o confronto direto com a obra de Kant, que consideraremos brevemente a seguir.

A discussão com Kant: liberdade, metontologia e metafísica

O conceito de liberdade delineado após *Ser e Tempo* é tanto próximo como distante da filosofia kantiana. Ainda preso à problemática kantiana, Heidegger tenta compreender como se pode ter uma experiência de mundo e de sua verdade, o que no *Kantbuch* será explorado em termos de temporalidade finita. A metafísica do *Dasein*, finita, aparece então em contraste com a metafísica infinita, ou absoluta. Em Kant, o sujeito que é essencialmente livre, ao mesmo tempo, sempre corre o risco de perder essa liberdade - ela deve ser alcançada e mantida. A liberdade define a natureza da subjetividade, e ao mesmo tempo constitui sua tarefa, sempre a ser assumida novamente. O conceito de liberdade kantiano aparece então primeiramente ligado a uma subjetividade não problematizada, e atrelada a ela, segundo Heidegger, noções propriamente subjetivas como ação, volição e independência. O ente humano, concebido como *Dasein*, não é mais identificado com um sujeito racional, volitivo, ou constituído por algumas propriedades essenciais propriedades, mas antes como ser-no-mundo (*In-der-Welt-Sein*). A partir da noção de possibilidade existencial, o que implica a determinação da existência através de modos e maneiras de ser, evidencia-se na discussão com Kant a tentativa feita por Heidegger de eliminar traços da noção moderna subjetividade no conceito de liberdade.

Segundo a interpretação heideggeriana, Kant ignora que a liberdade pode ser entendida apenas “como condição de possibilidade da “manifestabilidade” do ser do ente, isto é, da compreensão de ser” (Heidegger, 2012, p.342). Dessa forma, nessa etapa do pensamento heideggeriano, o conceito de liberdade determina-se não primariamente como ação ou independência, isto é, não como um acordo entre uma liberdade positiva e uma negativa, mas como um tipo de abertura vinculada (*verbindlich*) ao ser dos entes.

A liberdade, porém, não dá fundamento explicativo do ser do ente humano, mas é o que o coloca diante de si em seu poder-ser (*Seinkönnen*) e,

portanto, diante de sua escolha finita. Isso implica uma compreensão da liberdade como um evento *neutro* através do qual o ente humano é situado diante dos entes. É nesse sentido que podemos caracterizar a noção de liberdade na metafísica do *Dasein* como distinta do conceito metafísico tradicional. Liberdade aqui tem muito mais o significado de desvelamento e verdade dos entes, ganhando, assim, uma significação ontológica. Em suma, liberdade diz respeito ao poder de transcender os entes em direção a seu modo específico de ser.

Um passo além da mera caracterização da transformação da noção de possibilidade existencial como poder-ser (*Seinkönnen*) na noção ampla de liberdade consiste em avaliar em que medida tal transformação pode ser qualificada como transformação na própria estratégia de tematização de do ente humano, representando, portanto, a passagem de uma analítica da existência para a metafísica do *Dasein*. Neste caso, a noção de liberdade aparece como reorientando a questão da transcendência do ente humano.

Somente quando opera no interior do projeto heideggeriano uma redefinição da essência do ente humano como Cuidado (*Sorge*) de *Ser e Tempo*, para a noção de transcendência (*Transzendenz*), é que se torna visível a crítica apontada a Kant, juntamente com o conceito de liberdade que daí surge. O vínculo entre transcendência e liberdade aponta para o fato de que o ente humano deve ser considerado a partir de uma perspectiva transcendente, desde o qual o termo “metafísica” seria o mais adequado. Antes de nos centrarmos na relação entre liberdade e metafísica do *Dasein*, faz-se necessário dar atenção ao tema da *metontologia*, surgida durante esse período como constituinte, ao lado da radicalização da analítica existencial, da metafísica do *Dasein*.

Um problema já identificado nos parágrafos finais de *Ser e Tempo* refere-se à necessidade de interpretar um ente que seja fundamento da compreensão de ser e de toda ontologia, mas que ao mesmo tempo forneça o fundamento ôntico de toda ontologia. Tal investigação ganha força justamente no período que enfatizamos, e tem por base a elaboração da temática da *metontologia*, desenvolvida em poucas páginas durante toda a obra de Heidegger. No contexto da investigação que tem por meta radicalizar os problemas metafísicos tradicionais (incluindo aí o tema da liberdade), Heidegger considera que, para além do questionamento ontológico dos entes, estes devem agora ser tomados

no seu todo (*im Ganzen*). Com a *metontologia* Heidegger visa traçar um paralelo entre a ontologia fundamental de *Ser e Tempo* e a Metafísica de Aristóteles

Em sua unidade, ontologia fundamental e *metontologia* constituem o núcleo básico da metafísica do *Dasein*. Valendo-se da definição Aristotélica de *prote philosophia*, como conhecimento do ente enquanto ente (ontologia) e do ente primeito (teologia), essa definição é expressamente vinculada aqui a dois momentos do cuidado (*Sorge*), oriundas da analítica existencial, mais especificamente, as noções de Existência (*Existenz*) e ser-lançado (*Geworfenheit*). A radicalização do projeto da ontologia fundamental implica o desenvolvimento de uma problemática particular cujo tema é o ente na totalidade, a *metontologia*. O fundamento da ontologia, portanto, é assumido na *metontologia* como algo de ôntico. O “ser simplesmente dado fático da natureza”⁴ funda o ente humano, não mais baseado na compreensão de ser, mas antes no ser da natureza.

Nesse sentido, a metafísica do *Dasein*, configurada pela articulação teórica entre analítica existencial e *metontologia* executa justamente a elaboração de um conceito ontológico metafísico de liberdade que fundamenta a compreensão pré-ontológica de ser, sobre o qual *Ser e Tempo* se estabelece, abandonando por sua vez com a concepção kantiana tradicional de liberdade.

A liberdade na metafísica do *Dasein*

Para esclarecermos o papel da liberdade na metafísica do *Dasein* faz-se necessário a elucidação do uso corrente dos significados da palavra “*Frei*”. De acordo com a literatura secundária, a significação do termo “livre” (*Frei*), que compõe o conceito heideggeriano de liberação (*Freigabe*) não aparece em ligação com ações ou pessoas.⁵ Ao contrário, livre é o ente, na medida em que ele é liberado. Tal uso mostra-se na linguagem cotidiana: falamos assim de “espaços livres” quando espaços não estão ocupados. Nesse modo de falar, “livre” significa “acessível” ou “aberto”. O termo “liberar” designa, em *Ser e Tempo*, um processo que constitui pela primeira vez a relação do ente humano

⁴ Heidegger, 1984, p.156.

⁵ Cf.: Figal, 2005, p.29.

com outros entes. A despeito das inúmeras metáforas de liberação, dever-se-ia buscar o sentido por trás do uso das noções de liberdade, livre, liberação, etc. De qualquer forma, o que aparece de pronto é que a abertura pertence essencialmente ao ente humano como “livre”.

No período que vai da redação de *Ser e Tempo* ao começo dos anos 1930, Heidegger apresenta a noção de liberdade como *protótipo*, cuja função é identificar certa classe de entes, através da criação de um contexto relacional dentro dos quais outros entes são localizados e ordenados. Sua estrutura é relacional e normativa, isto é, é em virtude de seu contexto normativo que os entes podem ser “iluminados”, podem vir à luz.⁶ Nesse período, portanto, a “liberdade já não significa liberdade como propriedade do homem, mas o homem como possibilidade da liberdade”. (Heidegger, 2012. p.318). Tal formulação pode ser lida como uma mudança significativa no conceito de liberdade em confronto com a tradição. A liberdade não é mais uma propriedade do ente humano, mas o possui, na medida em que o determina em sua relação vinculante a entes. Aquilo que Heidegger chama de compreensão de ser, ou o campo de sentido aberto para os diferentes modos de ser, vem agora a ser chamado de clareira (*Lichtung*) que definida em termos de liberdade, é por onde Heidegger vem a tratar o campo de sentido diretamente, anterior a uma teoria do ente humano e da existencialidade em geral, tal como realizado na analítica existencial de *Ser e Tempo*.

Liberdade aparece como a vinculação do ente humano a medidas normativas, medidas essas que permitem às coisas comparecerem como isto ou aquilo, isto é, como entes enquanto entes determinados. Ainda assim, a maior parte de *Sobre a Essência da Liberdade Humana*, (a última investida de Heidegger em direção ao conceito de liberdade) permanece dentro do framework estabelecido em *Ser e Tempo*. O ente humano é o ente que comprehende ser e a sua liberdade pode ser apreendida, em algum grau, considerando-se as abordagens canônicas da ação, por exemplo, aquela legada por Kant. No entanto, não mais como a acepção mais básica ou originária do termo. A ideia que subjaz a todas as metáforas de liberação dos entes, no sentido de torná-los

⁶ Sobre a noção de protótipo, Cf.: Golob, 2014, p.194.

significativos, localizando-os em um contexto, já está presente em *Ser e Tempo* (onde os entes são liberados pelo “mundo”). O que distingue o pensar heideggeriano nessa fase é o foco sobre a liberdade como a capacidade através da qual isso acontece, caracterizada como poder de “iluminar” os entes. A liberdade é um “poder” em termos dos quais o próprio ente humano é definido.

O resultado é que no texto de *Sobre a Essência da Verdade*, Heidegger começa a identificar explicitamente a liberdade com a capacidade intencional primária, a capacidade de “iluminar” entes via compreensão de seu ser. Em outras palavras, liberdade e verdade são idênticas. A liberdade mostra-se, então, de forma não unívoca: uma definição, que equaciona liberdade e transcendência, ou liberdade e compreensão de ser, elucida a liberdade como capacidade de reconhecer e comprometer-se a normas, agindo à luz destas. A questão aparece de forma crescente no curso de pensamento de Heidegger após *Ser e Tempo*, onde se pode colocar a questão: como tal vinculação normativa a entes é possível? É justamente a essa questão que o tema da liberdade é designado para responder. Examinando a transformação da noção de possibilidade e o foco crescente sobre a questão liberdade dos anos 1920 aos 1930, é possível compreender como a liberdade assume um lugar central precisamente porque Heidegger pensa que ela responde a pergunta sobre o traço vinculante característico do ente humano, antes de qualquer teoria da ação. Para o ente humano, os entes são manifestos em seu caráter vinculante (*Verbindlichkeit*). Nesse sentido, toda a obrigação só pode se dar à luz da liberdade, uma vez que esta é a fonte mesma de toda a vinculação. Liberdade ganha, então, o sentido de tornar o ente humano vinculante (*verbindlich*), isto é, dá ao ente humano a possibilidade de vinculação (*Bindung*) a entes.

Duas mudanças são expressas de forma latente na passagem dos anos 1920 para os anos 1930: 1. o foco crescente de Heidegger sobre a normatividade como o caráter verdadeiramente distintivo da intencionalidade do ente humano e 2. o foco sobre a liberdade como aquilo que explica essa própria capacidade normativa. O resultado é, pois, a identificação da liberdade como a abertura para entes que define o próprio ente humano. O conteúdo intencional, para Heidegger, depende de um ente que é capaz de apreender o possível como possível, o normativo como normativo, a medida como medida. Assim, dada a

inseparabilidade entre o ente humano e mundo, essa auto compreensão normativa é simultaneamente um processo de dar sentido aos entes: o que Heidegger chamará de desvelamento. Ser livre significa então operar sob o domínio do normativo, o que em vez da mera independência de restrições causais, implica ser vinculante. (*verbindlich*).

Em suma, a questão chave da liberdade aponta para o fundamento do tipo de intencionalidade distintivo do ente humano, a transcendência. Fundamento, neste contexto, não é analisado em termos ônticos, como uma explicação básica ou primária do ente humano, mas visa antes a capacidade primitiva em termos da remissão do próprio existente a si mesmo, isto é, através da possibilidade de dar sentido às práticas que o constituem, ou, no jargão heideggeriano, o “em-virtude-de” (*Worumwillen*). Assim, a forma primária de fundamento não é outra que a própria projeção básica do “em-virtude-de”, isto é, a remissão última de todo comportamento ao ente humano. O “em-virtude-de” corresponde a principal forma de vinculação, que se origina na compreensão do agente de si mesmo e da maneira em que essa auto compreensão estrutura e influencia seu encontro com os entes e outros agentes. Tomando a liberdade nesses termos, Heidegger desvincula-se imediatamente do aparato conceitual tradicional da vontade e do desejo.

Cada existente é livre, no sentido de que a caracterização ampla da liberdade significa uma afirmação geral sobre a natureza da intencionalidade humana: a intencionalidade humana tem primariamente um caráter vinculante. Metaforicamente falando, a liberdade refere-se ao “espaço livre”, espaço esse que, nas palavras de Heidegger “não visa aqui o ilimitado de uma mera amplitude, mas a vinculação delimitadora do claro que brilha na luz do sol e que é concomitantemente visualizado” (Heidegger, 1976, p. 221).

Conclusão

Ao fazer uma breve recapitulação do tema da possibilidade no período de *Ser e Tempo*, apontamos para a ligação entre uma das acepções mais básicas de possibilidade e o conceito de liberdade. A seguir, considerando a interpretação heideggeriana da filosofia prática de Kant, apontamos para um sentido não trivial em que a liberdade foi concebida por Heidegger, a saber,

liberdade como vinculação. Nesta acepção há um nítido distanciamento da concepção moderna da relação entre ação e vontade. Salientamos que durante certo período da obra Heidegger, a liberdade foi tratada diretamente como o campo de sentido em que se dão os modos de ser responsáveis pela significatividade da experiência de entes em geral. Ao reconstruir o equacionamento feito por Heidegger das noções de liberdade, intencionalidade e transcendência, destacamos o aspecto central em que opera o conceito amplo de liberdade. Ressaltamos, finalmente, que o período da obra de Heidegger conhecido como metafísica do *Dasein* pode ser interpretado em termos gerais como uma filosofia da liberdade.

Referências

- _____. Metaphysics, Metontology and the End of Being and Time. **Philosophy and Phenomenological Research**. Vol. LX. No.2, March, 2000.
- FIGAL, G. **Martin Heidegger: Fenomenologia da Liberdade**. Tradução: Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Forense Univeritária, 2006.
- GOLOB, S. **Heidegger on the Concepts, Freedom and Normativity**. Cambridge University Press, 2014.
- HEIDEGGER, M. **Introdução à Filosofia**. Tradução de Marco Antônio Casanova. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2009.
- _____. **História da Filosofia: de Tomás de Aquino a Kant**. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Editora Vozes, 2009.
- _____. **Kant y el Problema de la Metafísica**. Traducción de Gred Ibscher Roth, Fondo de Cultura Económica, México, 1996.
- _____. **Os Problemas Fundamentais da Fenomenologia**. Tradução de Marco Antônio Casanova. Petrópolis: Editora Vozes, 2012.
- _____. **Os Conceitos Fundamentais da Metafísica: Mundo, Finitude, Solidão**. Tradução de Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Editora Forense Univeritária, 2006.
- _____. **Ser y Tiempo**. Traducción: Jorge Eduardo Rivera. Madrid: Editorial Trotta, 2003.
- _____. **Ser e Tempo**. Tradução de Fausto Castilho. Petrópolis: Editora Vozes, 2012.

_____ **Sobre a Essência do Fundamento.** In: Os Pensadores. Tradução de Ernildo Stein. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

_____ **Sobre a Essência da Verdade.** In: Os Pensadores. Tradução de Ernildo Stein. São Paulo: Abril Cultural, 1979

_____ **Sobre a Essência da Liberdade Humana:** Introdução à Filosofia. Tradução de Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Via Vérita, 2012.

_____ **The Metaphysical Foundations of Logic.** Translated by Michael Heim Indiana University Press, 1984.

_____ **Wegmarken.** Vittorio Klostermaim. Frankfurt am Main, 1976.

JARAN, F. Toward a Metaphysical Freedom: Heidegger's Project of a Metaphysics of Dasein. **International Journal of Philosophical Studies**, Vol. 18(2), 205-227.

KEARNEY, R. Heidegger, the possible and the god. In: MACANN, C. E. Martin **Heidegger: Critical assessments: Reverberations. Vol IV.** London/New York: Routledge, 1992.

RUIN, H. The Destiny of Freedom: in Heidegger. **Cont Philos Rev** (2008) 41:277–299.